

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ISABELLA RANGEL MAZON

**DIÁRIO DE PROFESSORA/ARTISTA: VESTÍGIOS E DESCOBERTAS DOS
PROCESSOS NARRATIVOS NA ROTINA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Porto Alegre
2019

Isabella Rangel Mazon

**DIÁRIO DE PROFESSORA/ARTISTA: VESTÍGIOS E DESCOBERTAS DOS
PROCESSOS NARRATIVOS NA ROTINA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho apresentado ao Curso em
Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito para obtenção
do grau de Licenciado em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dra. Paula Mastroberti

Porto Alegre
2019

Orientadora: Profa. Dra. Paula Mastroberti

Banca examinadora:

Profa. Dra. Aline Nunes da Rosa

Prof. Dr Luciano Bedin da Costa

AGRADECIMENTOS

O pai e a mãe me deram pé no chão
e me olharam
cuidando de longe.
Como base e incentivo às minhas escolhas de percurso.

As moradoras da Dona Leonor,
deram respiro
riso
e troca.

As crianças do Nível I,
Foram afeto,
entrega,
aprendizado
e crescimento.
Marcaram. Cada uma a sua maneira.
Me foram tanto, que transbordam a cada página deste diário.

O CID foi morada
espaço de criação,
de oportunidade.

A Eliane,
trouxe confiança.
Deu margens às incertezas.

A Paula,
foi mediadora no encontro com a infância
Abriu portas e janelas.
Norteou mapas
e propôs trajetórias.

“Ao leitor adulto

Vocês dizem:

- Cansa-nos ter de privar com crianças.

Têm Razão.

Vocês dizem ainda:

- Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.

Estão equivocados.

Não é isso o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las.” (KORCZAK, 1987)

RESUMO

Este diário foi elaborado como forma de unir teoria e prática na educação infantil e segue os princípios da A/r/tografia, a partir de Belidson Dias (2013).

Como educadora, pesquisadora e artista. Descrevo processos de rotina de um grupo de crianças em uma escola privada no bairro Bom Fim, em Porto Alegre.

Para compor esta pesquisa ouvi as crianças, e a partir delas, surgiram as histórias e as narrativas, temáticas que nortearam um projeto de ensino que se estendeu de março à outubro de 2019. Para fundamentar a pesquisa deste temas, levantei ideias de autores como Miguel Zabalza em Qualidade na Educação Infantil (1998) , além de Mahoney e Almeida (2005), trazendo o conceitos do desenvolvimento afetivo para Henri Wallon e ainda Paulo Fochi (2017) sobre a valorização do cotidiano. Também me servi indiretamente de diversos autores em que tive contato durante minha graduação.

Além disso o Diário contém reflexões sobre os desafios enfrentados na rotina escolar.

No contato com as crianças busquei possibilitar um ambiente de descobertas e instigar a experimentação de novos materiais para, através destes, provocar a criação de narrativas reais e fantasiosas. Nesse contexto, também defendo a importância dos processos artísticos para a elaboração de projetos de ensino, bem como o registro dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Arte, Diário, Professora, Rotina, Narrativas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Primeira noite na casa da vó

Imagem 2: Tinta Acrílica sobre papel

Imagem 3: Luvas de Festa

Imagem 4: O CID é uma casa.

Imagem 5: Mapeando a escola

Imagem 6: CID

Imagem 7: Espiando

Imagem 8: Colegas

Imagem 9: Traçando cores e formas

Imagem 11: Campos de Experiências

Imagem 12: Leitura do Livro dos Bichos Malucos, Valéria Belém

Imagem 13: Leitura coletiva da história A Chapeuzinho Vermelho

Imagem 14: Explorando os livros da estante

Imagem 15: Histórias inventadas: A minhoca que queria pernas

Imagem 16: Faz de conta que é uma sala

Imagem 17: Sala vira acampamento

Imagem 18: Cozinha de verdade

Imagem 19: Sala vira restaurante

Imagem 20: O play, as bonecas e o chá de boldo

Imagem 21: Varal da praia

Imagem 22: O play vira restaurante

Imagem 23: Experimentação com tinta e plástico filme

Imagem 24: Pintando com balões

Imagem 25: Aquarela sobre tecido

Imagem 26: Giz pastel sobre tecido

Imagem 27: Exploração com cola colorida

Imagem 28: Arte e ciência: Descobrimo as cores

Imagem 29: Desenho coletivo sobre papel colorido

Imagem 30: Desenho coletivo sobre papel branco

Imagem 31: Desenhos guiados "O que compõe uma pessoa?"

Imagem 32: Experimentação com argila

Imagem 33: A palhaça

Imagem 34: A senhora

Imagem 35: Rute, a cozinheira

Imagem 36: O sol

Imagem 37: Criaturas da floresta. Festa do Saci

Imagem 38: O andar do fantasma

Imagem 39: Piscina de bolinhas

Imagem 40: A tartaruga

Imagem 41: O colar

Imagem 42: O bolo

Imagem 43: Personagens de Peter Pan encenando Polegares

Imagem 44: Cada um é um lobo

Imagem 45: Descobrimo o habitáculo

Imagem 46: O sol, a casa e a árvore

Imagem 47: O sino

Imagem 48: O que tem dentro da TV. Instalação

Imagem 49: Construindo brinquedos

Imagem 50: Tamanhos

Imagem 51: Armaduras e lunetas

Imagem 52: Banho de espuma

Imagem 53: Sujar pra limpar

LISTA DE ABREVIATURAS

CID - Centro Integrado de Desenvolvimento

PAED - Programa de Apoio Extra Disciplinar

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

SUMÁRIO

1- QUANDO A ARTE ENTROU NA MINHA VIDA.....	12
2- ONDE EU ENTREI.....	19
3- O QUE PLANEJEI.....	30
3.1 - O QUE ENCONTREI.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	101





Star Photo
Jun 97



QUANDO A ARTE ENTROU NA MINHA VIDA

Veio desde cedo,

De grão em grão

Na casa da vó,

latas velhas com giz pastel, lápis aquarelável e as famosas e proibidas canetas nanquim.

A professora aposentada me apresentou as possibilidades de um papel canson e um lápis 6b.

E quando tinha tela,

Tinta acrílica e pincel para os netos!

A casa da vó foi a primeira escola de arte que frequentei.

Pouco me lembro das aulas de artes na escola tradicional. Minha (infância escolar) se deu em uma escolinha privada no bairro onde eu morava, em Osório. Durante esse período, a arte na minha educação formal se resumia a cartões e presentes para as famílias em datas comemorativas. Ou ainda, no primeiro e no segundo anos do fundamental, coloríamos desenhos mimeografados de personagens como “scooby doo” ou turma mônica.

A partir do terceiro ano passei a frequentar o ensino público. Cursei o ensino fundamental em uma escola estadual na qual havia no currículo a disciplina de artes no sexto e sétimo anos, sendo dois períodos semanais em cada ano. Minha expectativa na época era a melhor possível. Sempre desejei ter aulas de artes na escola, porém, a experiência não foi como eu esperava.

- Folha A4
- MARGEM
- Lápis 2b
- Pintar SEMPRE pro mesmo lado!
- Não pode contornar, as pessoas não tem contorno!
- Não pode rasurar!

- Faz de novo!
- Capricho!

O método extremamente tradicional e ultrapassado da professora regente desencorajava os estudantes. Passei a me sentir insegura em relação ao que eu produzia em matéria de arte, dentro e fora da escola.

Cursei o Ensino Médio também na rede pública do estado. O currículo incluía uma hora/aula semanal da disciplina de artes no primeiro ano. Durante esse período tive experiências interessantes, porém, grande parte das aulas se resumia a desenho de figura humana com medidas, luz e sombra e o mesmo discurso tradicional da professora anterior.

Conheci, durante toda a minha trajetória escolar, professores desvalorizados e desmotivados que me alertaram sobre as dificuldades da carreira. Em contraponto, na minha família, tive ótimos exemplos de professores e artistas que me motivaram a iniciar o curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Minha curiosidade pela infância surgiu em 2013, quando iniciei a graduação. No mesmo ano passei a ministrar oficinas esporádicas em uma escolinha informal de artes, para crianças de quatro a dez anos. Mais tarde, ministrei aulas regulares em outros dois espaços e o contato com a educação infantil segue me encantando nos dias de hoje.

Esta pesquisa surgiu a partir das minhas experiências em espaços formais e informais de ensino. Busco, na teoria e na prática, um olhar mais sensível e voltado para o lugar que damos para a arte na infância.



LUVAS de FESTA

5







REFEITÓRIO
↑

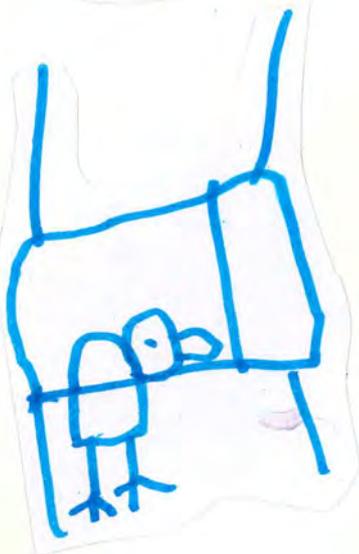


PLAY

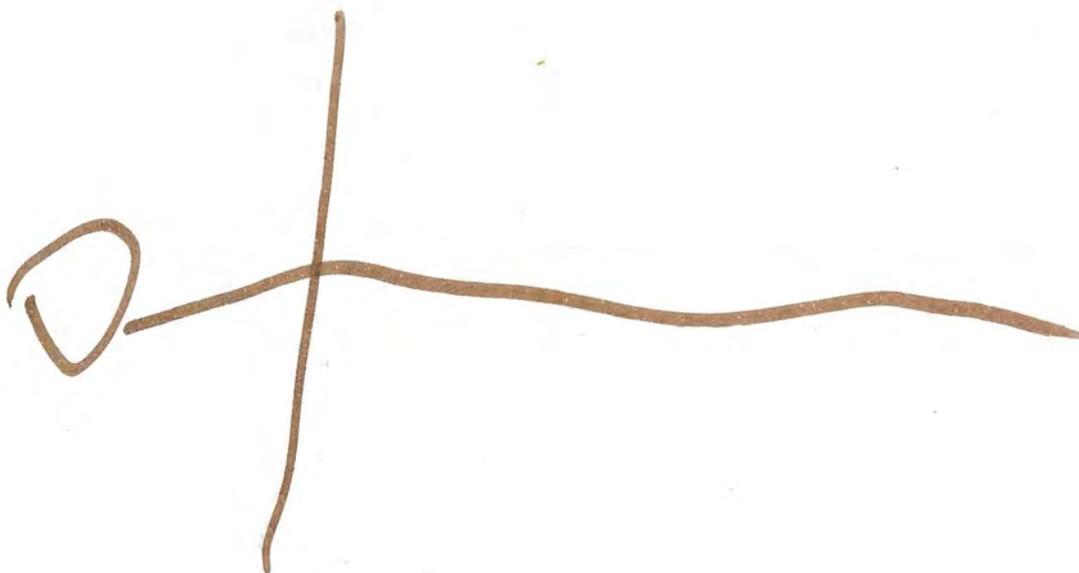


BANHEIRO
2º ANDAR









ONDE EU ENTREI

O CID é uma casa, com vários quartos, salas, cozinha, corredores, banheiros, pátio e terraço. Uma casa cheia de gente. Uma casa pulsante.

Que porta é essa? Como entrei?

Que lugar é esse? Que gente é essa?

Quem me recebeu? Por quê?

O CID surgiu pelo interesse de duas terapeutas ocupacionais, que apesar de não serem da área da educação, idealizaram uma escola. Uma escola diferente, um lugar que acolhe diversas gentes. Um lugar que preza pela autonomia e a subjetividade.

Localizada no bairro Bom Fim, em Porto-Alegre, a escola abriu no ano de 1990 tendo a inclusão como pilar principal na sua fundação. Nessa época a inclusão não era obrigatória por lei. A lei nº 13146, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, entrou em vigor somente em 2015, de acordo com o art 1º, está “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência”.

Ao longo de 10 anos a escola foi ganhando forma, e a partir dos anos 2000 além da inclusão, ela passou a ter como base a psicanálise e a pedagogia de projetos. Hoje o CID tem como base um tripé.

Inclusão - Psicanálise - Pedagogia de Projetos

Cheguei no CID aos poucos, as portas se abriram em 2017. Entrei na escola como Bolsista do PAED¹ em 2017 e acompanhei as turmas Berçário I (bebês entre 5 meses e 1 ano e 5 meses) e Nível II (crianças entre 3 e 4 anos), observando a rotina e acompanhando as atividades com as professoras titulares. Elaborei planos de ensino para as duas turmas utilizando, além das diretrizes propostas por Loris Malaguzzi (2016a) e outros educadores que se valem de sua perspectiva, o livro “Eco-Arte com crianças” de Anna Marie Holm, trazendo os conceitos de ecologia, “questionando como mantemos nossa casa” a partir do aproveitamento e reciclagem de materiais para a educação em artes. Como bolsista, propus oficinas que tiveram como objetivo estimular experiências sensoriais de diferentes formas, dando potência ao movimento e à autonomia das crianças na apropriação do espaço, utilizando o ambiente de dentro da escola e do bairro. A partir do contato com diversos objetos e elementos da natureza, também resgatamos materiais descartados da própria escola através de atividades propostas semanalmente em cada uma das turmas.

De bolsista, passei a fazer parte do CID como auxiliar na turma do Berçário 1 quando encerrei as atividades do PAED. Dessa forma, pude acompanhar a rotina da escola diariamente.

A experiência de conviver com os bebês e acompanhá-los em seus processos de desenvolvimento foi extremamente importante para minha formação como professora. No currículo de Licenciatura em Artes o contato direto com a educação infantil é mínimo e insuficiente, dessa forma, durante minha formação acadêmica tive a oportunidade de cursar somente uma disciplina voltada para a educação em artes visuais para a infância. Essa disciplina, possibilita visitas e observações em escolas regulares de educação infantil.

¹ O PAED foi criado em 2016 pela Profa. Dra. Paula Mastroberti, tendo por principal objetivo ampliar a experiência de ensino/aprendizagem do licenciando em Artes Visuais para além dos conteúdos disciplinares do curso, através de ações que incluem e certificam desde práticas educativas, atividades de apoio pedagógico em geral, promoção de encontros e palestras com convidados profissionais ou acadêmicos com alguma experiência nas áreas da educação em artes visuais e aplicação de mídias e tecnologias para fins educativos, até a produção de materiais didáticos, criativos, interativos ou propositores. Tais ações, sempre vinculadas às atividades e conteúdos disciplinares, visam abrir espaço para complementar e aprofundar as competências do futuro educador em artes visuais para além do percurso curricular.

Acredito que para pensarmos em produção de arte com bebês e crianças bem pequenas precisamos de contato. Com o espaço, com as pessoas e os movimentos. Contato que se constrói com o tempo, acompanhando de perto a rotina escolar, podendo olhar para os processos individuais e de grupo.

Meu primeiro contato com os pequenos foi através da arte, depois, o contato foi de acolhida, com bebês que se afastam de suas mães pela primeira vez. O segundo, é um longo e importante processo. A adaptação de crianças na escola exige atenção e presença. Encantei-me pelos bebês e crianças, vi-me motivada a acompanhar seus processos e propor experiências.

Tudo que nos passa, afeta de algum modo, MARCA

No contato com a infância, tentei ser o “sujeito passivo” trazido por Bondía (2002)
Ter paixão e paciência, para parar, olhar, pensar, sentir e tocar.
E quando PAREI, tombei e segui diferente,
marcada.

Em fevereiro de 2019 assumi minha primeira turma.



Imagem 7: Espiando. Fonte: Arquivos da pesquisadora.

O grupo que compõe o Nível I de 2019 é formado por 8 crianças, com idades entre 2 e 3 anos reunindo crianças que vem crescendo juntas desde o berçário e crianças recém chegadas na escola.

Cada criança traz consigo uma bagagem diferente, que às vezes, se parece com a de alguém, outras vezes não. Estas da bagagens são trazidas aos poucos e transbordam de diversas maneiras. Algumas vezes vêm com riso e grito, outras vezes, silêncio e gesto.

Como professora, me mantive atenta às particularidades individuais, tomando cuidado para que cada criança tivesse o acolhimento necessário. Nesse primeiro momento, nos adaptamos como grupo e com os espaços. Criamos uma relação de confiança e afeto.

Para Wallon (2002), o afeto está vinculado a outros dois conjuntos de desenvolvimento e tem papel importante na rotina escolar. Mahoney e Almeida definem a *integração afetiva-cognitiva-motora* de Wallon da seguinte forma:

- O conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão
- O conjunto ato motor oferece a possibilidade de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, as reações posturais que garantem o equilíbrio corporal, bem como o apoio tônico para as emoções e sentimentos se expressarem.
- O conjunto cognitivo oferece um conjunto de funções que permite a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, ideias e representações. É ele que permite ainda registrar e rever o passado, fixar e analisar o presente e projetar futuros possíveis imaginários. (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.18)

A integração destes conjuntos, segundo os autores, nos forma como pessoas, e está inteiramente ligada a nossa relação com o exterior. Através da afetividade, da motricidade e da cognição criamos as relações com os espaços as pessoas e as ideias.

A afetividade, portanto “refere-se a capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.19). No processo

de ensino-aprendizagem podemos pensar que o conjunto afetivo vai se modificando e divide-se em diferentes etapas.

De 0 a 1 ano de idade, passamos pelo estágio *Impulsivo-emocional*. Nessa etapa, a criança ainda está totalmente vinculada aos cuidadores, e é através do contato com o adulto que começa a se familiarizar com o ambiente. Sendo acolhida e guiada, iniciando um processo de diferenciação (MAHONEY e ALMEIDA, 2005)

As crianças do Nível 1, estão passando pela segunda etapa descrita pelos autores. O período *sensório motor projetivo*, que ocorre entre 1 a 3 anos de idade. Esta etapa é caracterizada pelas descobertas em relação aos espaços e possibilidades de interação e integração.

Aqui as crianças estão se descobrindo como indivíduos únicos, a diferenciação dos espaços e objetos se torna mais clara, bem como o entendimento e separação do outro. Desvinculam-se da figura do adulto adquirem mais autonomia em seus movimentos. Dessa forma, os afetos aparecem sob forma positiva ou negativa, no embate com o outro e com o espaço. As crianças entram em disputa por objetos e brinquedos ou por atenção da educadora e demais colegas.

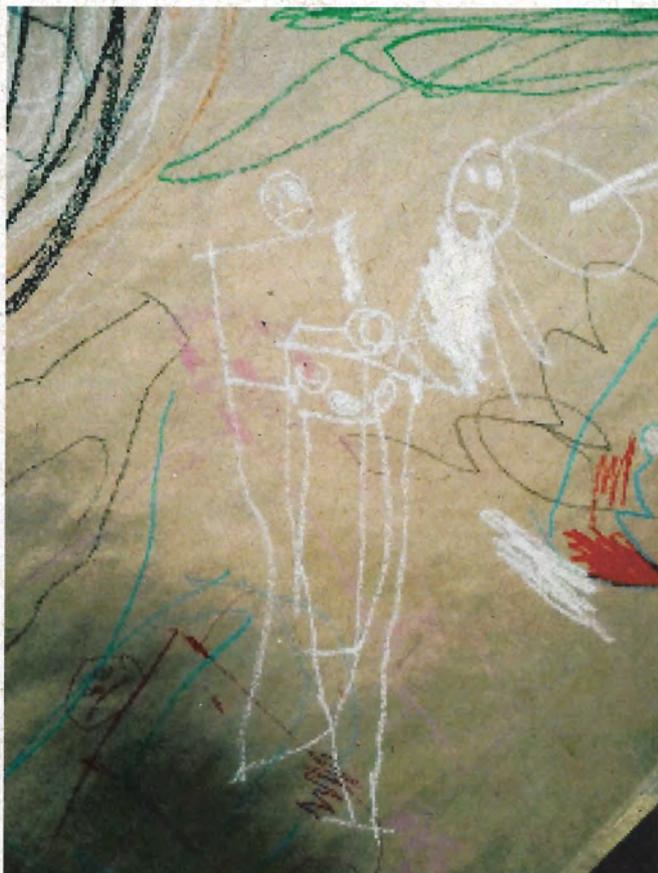
Nesta faixa etária, também estão experimentando a fala e a linguagem, as quais cumprem papel importante nos processos de autonomia. Dessa forma, os conflitos e disputas entre as crianças são mediados através de conversa. Tendo lembrá-los que, se já sabem se comunicar verbalmente, podem falar para expressar suas vontades ao invés de agir de forma agressiva.

As crianças estão voltadas para o mundo, e o papel do professor/adulto nesse contexto é propor situações em que as crianças possam experimentar diferentes espaços e materiais, possibilitando um mundo de descobertas. Ainda pensando a partir de Mahoney e Almeida, como propositores, devemos estar dispostos para responder às constantes e instantes indagações na busca de conhecer o mundo exterior.

Das perguntas, surgem mais perguntas. Algumas trazem respostas, outras, reflexões. No Nível 1 existem 8 infinitos particulares se construindo. Cada um ao seu ritmo. Há quem chegue de mansinho, espiando pelas frestas, observando cada detalhe e há também quem chegue correndo, como locomotiva de trem, fazendo

barulho e soltando fumaça. São 8 diferentes formas de conhecer o mundo e quando se encontram reinventam-se e reconhecem-se como grupo.

Imagem 8: Colegas Fonte: Arquivos da pesquisadora



INFINITOS PARTICULARES²

ANA: Entrou na turma com 1 ano e 6 meses, a mais nova do grupo. Nos conhecemos no berçário, quando a Ana teve o primeiro contato com a escola.

Hoje, com 2 anos, tem como ídola, a princesa Moana e assim como a personagem, desbrava o mundo com coragem e disposição para embarcar em novas descobertas. Orgulhosa, gosta de resolver as coisas sozinha e anuncia suas conquistas.

CAROLINA: Iniciou o ano com 2 anos recém feitos, já fazia parte do grupo desde o berçário 1, onde os conhecemos quando tinha 6 meses de idade.

² Todos os nomes citados nesta parte são ficcionais, criados com a intenção de proteger a identidade das crianças e ainda apresentar a individualidades das mesmas.

No faz-de-conta, gosta de ser mãe, médica e cuida dos colegas e bonecas, em outros momentos, também se transforma em bruxa ou lobo mau. De forma afetiva, tenta envolver o grupo todo em suas fantasias e brincadeiras.

MORENA: A mais recente integrante do grupo, entrou na turma em agosto deste ano, no início do segundo semestre, quando teve o primeiro contato com a escola, quase completando 3 anos. Seu filme favorito é O Rei Leão e seu lema: Hakuna Matata, canta e dança, encenando os personagens.

Chegou como leoa, conhecendo o território e tomando espaço. Logo se inseriu no grupo e passou a coordenar alguns momentos de brincadeira. Gosta de narrar histórias e contar sobre suas experiências e descobertas.

VITOR: Completou 2 anos no início do ano, também já fazia parte da turma desde o Berçário 1. Quando nos conhecemos, tinha apenas 5 meses, chegou experimentando o mundo bem devagar, seus movimentos no início mais atrapalhados, foram se transformando.

Entrou no Nível 1 brincando de bebê, sendo o filho ou o paciente, ganhando atenção e cuidado das colegas. Hoje, domina melhor as palavras e nas brincadeiras se coloca como pai, lobo mau, canta e dança, sendo protagonista em suas brincadeiras.

MORGANA: Entrou no Nível 1 quase completando 3 anos, é uma das mais velhas do grupo e fazia parte da turma desde o berçário 2.

Morgana tem muita energia, seus passos são saltitantes e constantes. Canta enquanto pula, ou quando desenha, gosta de contar histórias e falar sobre as coisas que aprende. Hoje, tem encanto pelos números e as letras, brinca de escrever e ilustrar suas próprias histórias.

JOÃO: Completou 2 anos no início do ano e vem acompanhando o grupo desde o berçário 1. Têm como ídolo o irmão mais velho, que com 6 anos, lhe apresenta o mundo a sua maneira.

Brincando, João gosta de se fantasiar e montar personagens. Com poucas palavras e alguns rugidos, se transforma em lobo mal, com unhas de fita crepê, ou ainda, veste uma capa e segurando uma sexta, saltita como a Chapeuzinho Vermelho.

MABEL: Iniciou o ano quase completando 3 anos, e desde o berçário, é a mais velha do grupo. De forma afetiva esteve disposta a se aproximar dos colegas e auxilia-los em seus processos de adaptação.

Mabel se comunica muito bem, e por sua desenvoltura, coloca-se como protagonista e coordena alguns momentos de brincadeiras de grupo. Coberta de cor-de-rosa, gosta de encenar, cantar e dançar. Sonha em ser bailarina, e ensaia suas futuras apresentações.

SARA: Teve o primeiro contato com a escola no início deste ano, com 2 anos de idade. Sua chegada foi permeada pelo afeto, o colo, o olhar e a conversa trouxeram conforto e segurança.

Sara chegou de mansinho, observando de fora, e pouco a pouco, passou a andar de mãos dadas com os colegas, imergindo suas fantasias. No faz-de-conta, gosta de ser mãe e com massinha de modelar, prepara um cardápio variado para alimentar os colegas e bonecas.

A escola é um mundo, onde moram muitas gentes, de muitos jeitos. Um mundo que se transforma. A sala de aula, pode virar restaurante, casa, ou uma vizinhança inteira. Ainda, se disfarça de acampamento, com estrelas piscando no céu.

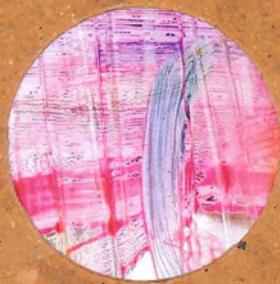
No pátio o “brinquedão” vira castelo, a areia vira praia e os balanços nos fazem voar. Além disso, na casinha de madeira mora uma família com várias mães, alguns pais, filhos ou moram também três porquinhos ou a vovózinha. O pátio inteiro é um bosque por onde perambula um lobo, minhocas, aviões e diversas cabeças pensantes inventando histórias.

Nesse mundo, há também espaço para descoberta de texturas, cores e formas. A escola toma a forma de ateliê e dispõe materiais diversos de pintura, escultura e desenho. Como suporte, papéis e tecidos de diferentes cores e tamanhos. Nas mãos lápis de cor, giz pastel, canetinhas, cola colorida e tinta. O suporte transborda e se estende para os braços e pernas, onde se inventam tatuagens. Com massinha de modelar ou argila, inventam-se cardápios variados com pizzas, panquecas e pastéis, ou ainda com alguns palitos, surgem velas e um bolo de aniversário.

As crianças experimentam as narrativas ficcionais como o “faz de conta” das histórias e músicas infantis para se expressarem. Dançam, atuam, cantam e emitem sons narrando as histórias. Através dessas interações, a imergem em um universo de fantasia no qual se sentem-se seguras para inventar suas próprias narrativas.



Imagem 9: Traçando cores e formas Fonte:Arquivos da pesquisadora





O QUE PLANEJEI

Partindo dos princípios de John Dewey (2002), temos a escola como uma “comunidade em miniatura”, na qual o ensino se dá através da experiência. Esse conceito é um dos pilares da Pedagogia de projetos, que tem como objetivos a integração de docente e discente na resolução de problemas e situações que estejam em harmonia com o interesse dos alunos e que partam das suas próprias experiências.

Idem Miguel Zabalza (1998) afirma que a criança pequena é competente, partindo do princípio em que quando chega na escola, traz consigo vivências e destrezas, que a escola aproveitará como alicerces do seu desenvolvimento. Segundo o autor, o ambiente escolar deve oferecer um leque amplo de experiências que potencializam as vivências e destrezas dessas crianças.

”Ou seja, colocar em andamento seus recursos para enriquecê-los, de percorrer com ele um ciclo de desenvolvimento de capacidades e construção de recursos operacionais que não teria ocorrido (pelo menos nesse nível de perfeição) sem a atenção oferecida pela escola infantil.” (ZABALZA, Miguel, 1998 p 20)

Dessa forma, temos o planejamento não como áreas e competências separadas, mas como campos de experiências que ocorrem de forma circular, atendendo a multiplicidade das áreas formativas, como exemplifica a imagem:

ARTICULAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS + ÁREAS DE CONHECIMENTO + COMPONENTES CURRICULARES



Imagem 11: Campos de Experiências Fonte: Site Slideplayer. Disponível em <https://slideplayer.com.br/slide/11834583/> acesso em 25/10/2019.

Contemplar as competências e individualidades de cada criança de forma circular dentro do planejamento é um dos principais desafios da educação infantil. Nesse contexto, precisamos pensar em um conjunto de fatores que auxiliam esse processo.

Zabalza define dez aspectos-chave para uma educação infantil de qualidade, os quais considerei durante a elaboração e execução do projeto de ensino para o Nível 1. Também considerei, para a compreensão destes aspectos, três elementos protagonistas: as crianças, os educadores e o espaço. Cada um atendendo a uma função específica da rotina e do desenvolvimento.

O autor define a *Organização dos espaços* como o primeiro aspecto. Considera que os espaços devem ser amplos, diversificados, de fácil identificação e acesso para as crianças. Um espaço preparado e organizado instiga as crianças, além de transmitir segurança para que possam se movimentar com mais autonomia.

O segundo aspecto seria *O equilíbrio entre a iniciativa infantil e trabalho dirigido*. Penso que, manter o equilíbrio entre esses dois pontos é um grande desafio. Como educadores, devemos considerar documentos como a LDB e a Base Comum Curricular como base em momentos de trabalho dirigido, porém, sem descartar os interesses e necessidades do grupo específico de crianças para quais estamos planejando. Além disso, o cumprimento do currículo não substitui a importância da autonomia e a iniciativa das crianças, sendo assim, a rotina escolar deve possibilitar momentos intercalados. Entre brincadeiras e interações livres, que partam das crianças e momentos direcionados propostos pelos educadores.

A *Atenção aos aspectos emocionais* é o terceiro ponto trazido pelo autor. Zabalza afirma que “Tudo na educação infantil é influenciado pelos aspectos emocionais: desde o desenvolvimento psicomotor até o intelectual, social e o cultural.” (ZABALZA, 1998 p.51) Desse modo, atender e auxiliar o desenvolvimento emocional das crianças requer um olhar constante. Devemos tomar o cuidado para que as crianças sintam-se seguras e capazes para assumir riscos e enfrentar desafios, além de proporcionar situações em que as crianças expressem emoções diversas, para que gradativamente possam reconhecê-las e controlá-las.

Complementando o aspecto três, temos o quarto como a *Utilização de uma linguagem enriquecida*. Através da linguagem a criança decodifica a realidade e aprende com suas próprias experiências. A interação entre *professor(a)-criança* é fundamental quando consideramos o desenvolvimento da fala. A comunicação, partindo do(a) adulto(a) deve ser clara, descritiva e diversificada. Devemos potencializar a voz infantil, estimulando o exercício da linguagem como expressão, além de valorizar a comunicação entre as crianças na resolução de conflitos e interações sociais.

O quinto aspecto-chave é a *Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades*. Para pensar nesse aspecto, voltamos a imagem anterior, na qual temos um esquema ilustrando a articulação dos campos de experiência. Através de diferentes estímulos e proposições, possibilitamos o desenvolvimento da criança por inteiro, potencializando suas diferentes capacidades de forma circular. Na prática, é

importante que o tema principal do planejamento, seja proposto em diferentes momentos da rotina, a partir de diferentes materiais e em diversos contextos.

O aspecto seis, *Rotinas estáveis* integra todos os aspectos anteriores de forma organizada e desempenha papel importante no desenvolvimento infantil. A organização da rotina ajuda a esclarecer experiências cotidianas, transformando a incerteza em um futuro um pouco mais previsível. O que gera, segundo o autor, importantes efeitos sobre a segurança e autonomia.

Além disso, na Educação Infantil existe uma organização de rotina necessária que, inicialmente, não cabe aos professores, como os momentos de alimentação e higiene, ou ainda demandas institucionais, carga horária e uma série de fatores. Porém, essas ações cotidianas podem ser potencializadas dentro do planejamento dos professores, valorizando as capacidades das crianças em situações reais no contexto escolar.

O sétimo aspecto-chave é definido como *Materiais diversificados e polivalentes* é imprescindível para os aspectos 3, 4 e 5 sejam possíveis. Os materiais devem compor um ambiente estimulante que possibilite múltiplas ações e descobertas.

Os aspectos oito e nove são complementares sendo a *Atenção individualizada* e *Sistema de avaliação individual e de grupo*. Sabemos que a demanda escolar não permite que o professor atenda individualmente o tempo todo, porém, é importante que se mantenha atenção individualizada parcialmente, variando de acordo com as necessidades de cada criança. Zabalza (1998) ainda afirma que “A atenção individualizada está na base da cultura da diversidade. É justamente com um estilo de trabalho que atenda individualmente às crianças, que poderão ser realizadas experiências de integração.” (p.53) Além disso, a avaliação de desenvolvimento individual, só pode ser elaborada através de momentos de observação e interação *professor(a)-criança*. É importante ressaltar que “Não se trata de coisificar as intenções educativas, nem tampouco de formalizar o processo” trata-se de elaborar um projeto com objetivos claros e traçar possibilidades para alcançá-los individual e coletivamente.

No CID, o sistema de avaliação ocorre por meio de um parecer descritivo individual para cada criança e um parecer coletivo, que diz respeito a todo grupo.

Para a elaboração das avaliações do projeto de ensino do Nível 1, procurei me manter atenta, registrando o processo por meio de fotografias e anotações. Assim, pude perceber os diferentes percursos percorridos pelas crianças, suas mudanças, evoluções e descobertas.

O décimo e último aspecto-chave traduzo como *Trabalho com a família e com o meio ambiente*. Diz respeito às interações estabelecidas entre o dentro e o fora da escola, que também podem ser contempladas no planejamento, promovendo momentos de conversa, nos quais as crianças possam relatar na escola sobre experiências vivenciadas com os familiares em diferentes contextos. E ainda propor momentos de interação em casa, a partir de materiais produzidos ou apresentados na escola, como jogos, livros ou brinquedos.

Além dos dez aspectos apresentados, também considerei autores que conversam com a temática das narrativas e da fantasia (temas centrais do projeto, sugeridos pelas crianças).

Entre esses autores, busquei como referência Ricardo Burg Ceccim e Analice de Lima Palombini, que sustentam a importância do processo inventivo no desenvolvimento das crianças pequenas e apontam que

O imaginário-criança, é o das afecções sensíveis, dos acoplamentos cognitivos, da invenção de linguagens para descobertas vividas. Um imaginário-criança não busca o verdadeiro, experimenta. Não analisa logicamente, deixa-se afetar. Não se prende a identidades e limites, embarca na expansão. (CECCIM e PALOMBINI, 2009)

Às crianças interessam os processos. O fazer e o experimentar deixam vestígios de descobertas que quando registradas, podem ser revisitadas e reinventadas.

Entre teoria e prática, elaborei um projeto de ensino que se estendeu de março à outubro de 2019.

O projeto se dividiu em diferentes espaços e tempos na rotina escolar e foi modificado e adaptado de acordo com as necessidades que surgiram ao longo do processo. A avaliação do projeto foi realizada por meio de pareceres descritivos individuais e coletivos, elaborados e entregues às famílias semestralmente.



MOMENTOS

Ações ao longo de todo o projeto que envolvam o tema “fantasia, invenção, histórias, narrativas” com diferentes processos e materiais. Estas ações ocorrem diariamente na rotina da escola, intercaladas com brincadeiras e experimentações livres. A duração de cada momento varia de acordo com o interesse da turma.

3 MOMENTOS POR SEMANA

Hora da leitura: Leitura de histórias como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, João e Maria entre outros livros da escola.

Começamos com histórias mais curtas, pois o tempo de atenção da turma era bem curto. Depois de conhecerem melhor algumas histórias, a turma passou a pedir mais momentos de leitura, e mais familiarizados, adicionamos histórias um pouco mais longas.



Imagem 12: Leitura do Livro dos Bichos Malucos, Valéria Belém



Imagem 13: Leitura Coletiva da história A Chapeuzinho Vermelho

Fonte: Arquivos da pesquisadora



Imagem 14: Explorando os livros da estante.

Fonte: Arquivos da pesquisadora



Hora do conto: Roda de contação de história sem livro onde as crianças ajudam a compor a história (as mesmas histórias da hora da leitura e criação de novas histórias).

No início as crianças participavam menos, ou não queriam falar, ou repetiam a mesma fala de outro colega. Com o passar do tempo, as participações aumentaram e surgiram músicas e histórias.

2 MOMENTOS POR SEMANA:

Contação de história em grupo (Começar com brincadeiras como “fui a feira” e passar para histórias mais fantasiosas e detalhadas.)

As primeiras tentativas não funcionaram como o esperado. As crianças repetiam a primeira palavra pronunciada. Eu iniciava a brincadeira com: “Estava com fome, fui a feira e comprei: “ e então, a primeira criança da roda respondia “banana”, logo, todas as crianças também compraram banana.

Foram várias tentativas, começamos a brincar também incluindo o que fizeram no final de semana, comecei a propor brincadeiras com movimento do corpo e fala, ritmos. Dessa forma, as crianças começaram a responder individualmente.

Dos jogos, passamos a criar histórias, as quais tiveram participação de todo o grupo ou de pequenos grupos. Essas narrativas surgiram com falas, desenhos, encenações e músicas.



Imagem 15: Histórias Inventadas. A minhoca que queria pernas.
Fonte: Arquivos da pesquisadora

Brincar de boneca / casinha / restaurante / acampamento: Ambiente montado de faz de conta. Cenários com barracas, camas, mesas, cozinha, sofá...

Nas primeiras brincadeiras me mantive mais ativa, as crianças me incluíam como personagem, ou como cozinheira, cliente ou amiga. Depois de um tempo, passaram a brincar sozinhos, minha presença se tornou menos necessária. Passei propor os cenários e ficar de fora, como observadora, intervindo apenas em momentos de conflito.

Com mais autonomia nas brincadeiras, as crianças inventaram suas próprias narrativas e personagens nas brincadeiras. Em grupo, decidiam o papel de cada um, e iam modificando no decorrer da brincadeira. Passaram também a escolher o cenário e os brinquedos.



Imagem 16: Faz de Conta que é uma sala.

Fonte: Arquivos da Pesquisadora





Imagem 17: Sala Viva Acampamento

Fonte: Arquivos da pesquisadora



Imagem 18: Cozinha de Verdade

Fonte: Arquivos da pesquisadora



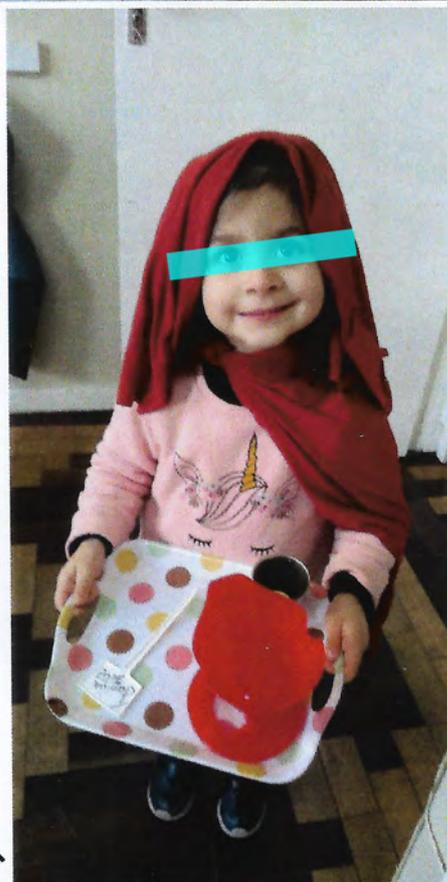
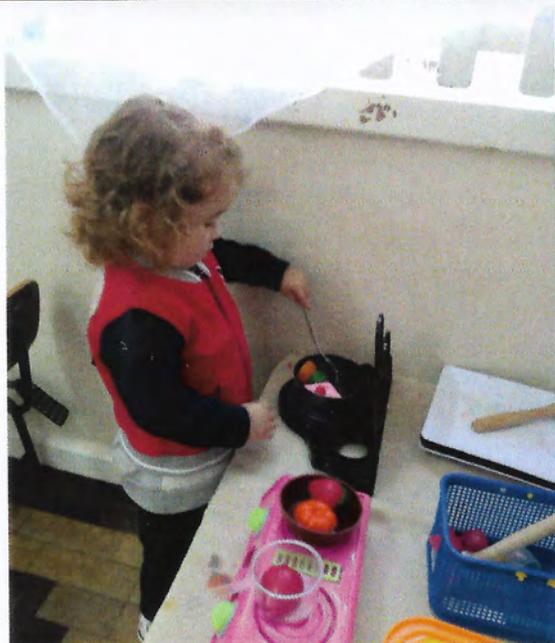


Imagem 19: Sala
vira restaurante.
Fonte: Arquivos da pesquisadora



Imagem 20: O play, as bonecas e o chá de boldo.
Fonte: Arquivos da pesquisadora

Imagem 21: Varal da praia



Imagem 22: O Play Vira Restaurante.



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Exploração de materiais: Em diferentes espaços da escola (sala, play, pátios), ações que envolvam desenho, pintura, escultura... utilizando materiais como giz pastel, giz de cera, lápis de cor, lápis aquarelável, tinta, canetinha, aquarela, argila, slime, massinha de modelar e suportes variados, caixas de papelão, papel colorido e branco de diferentes tamanhos e texturas.

Nas propostas de exploração, as crianças puderam experimentar movimentos de corpo e mãos, misturando tintas, descobrindo as cores, traçando linhas e inventando formas, narrando enquanto desenhavam, ou enquanto modelavam, experimentando às vezes pelo gesto e outras vezes significam suas criações.

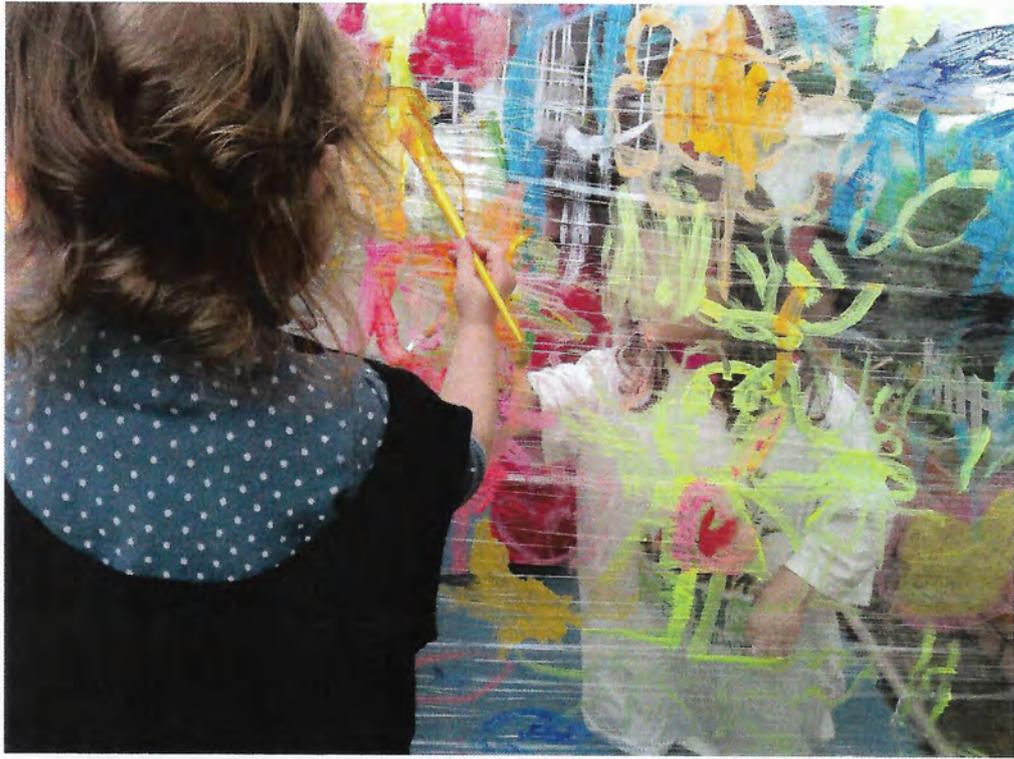


Imagem 23: Experimentação com tinta e plástico filme. Fonte: Arquivos da pesquisadora.



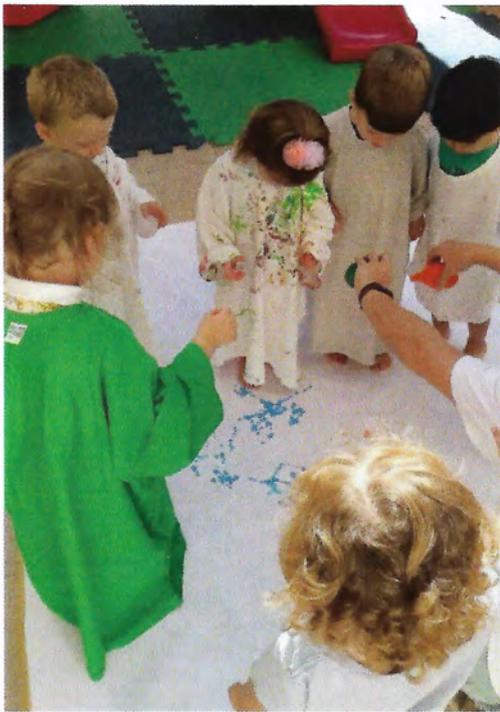


Imagem 24: Pintando com balões.
Fonte: Arquivos da pesquisadora.

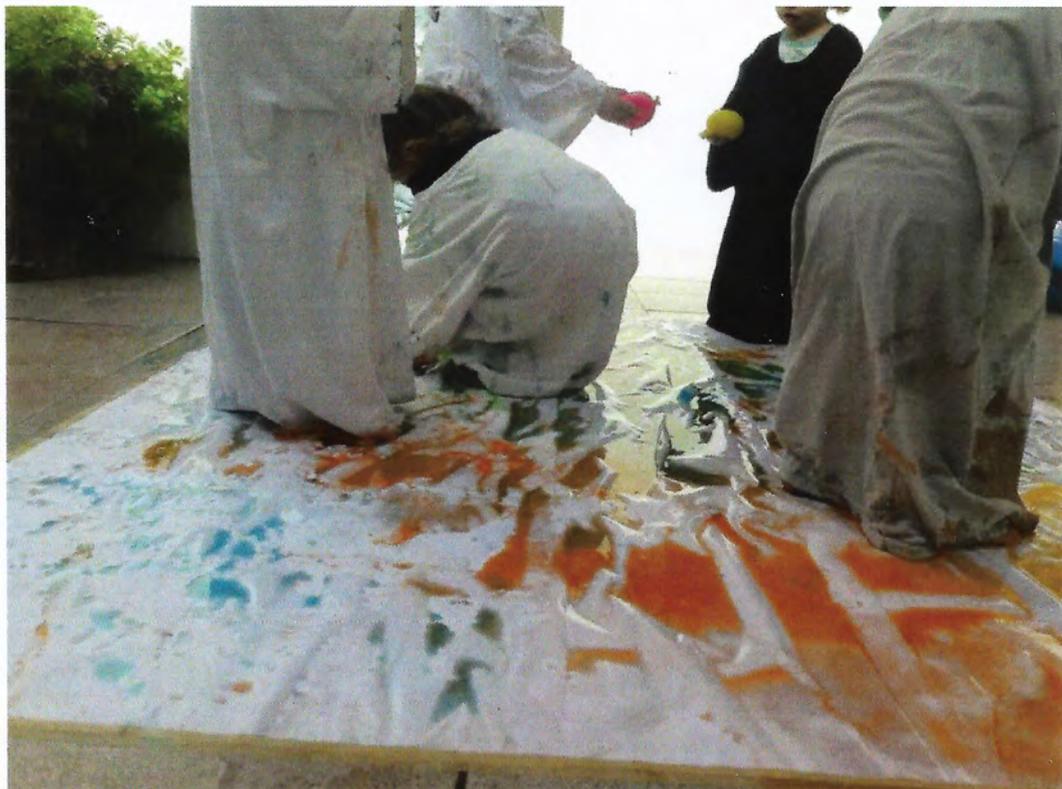




Imagem 25: Aquarela sobre tecido.

Imagem 26: Giz pastel sobre tecido



Fonte: Arquivos da pesquisadora.



Imagem 27 : Exploração com cola colorida. Fonte: Arquivos da pesquisadora.

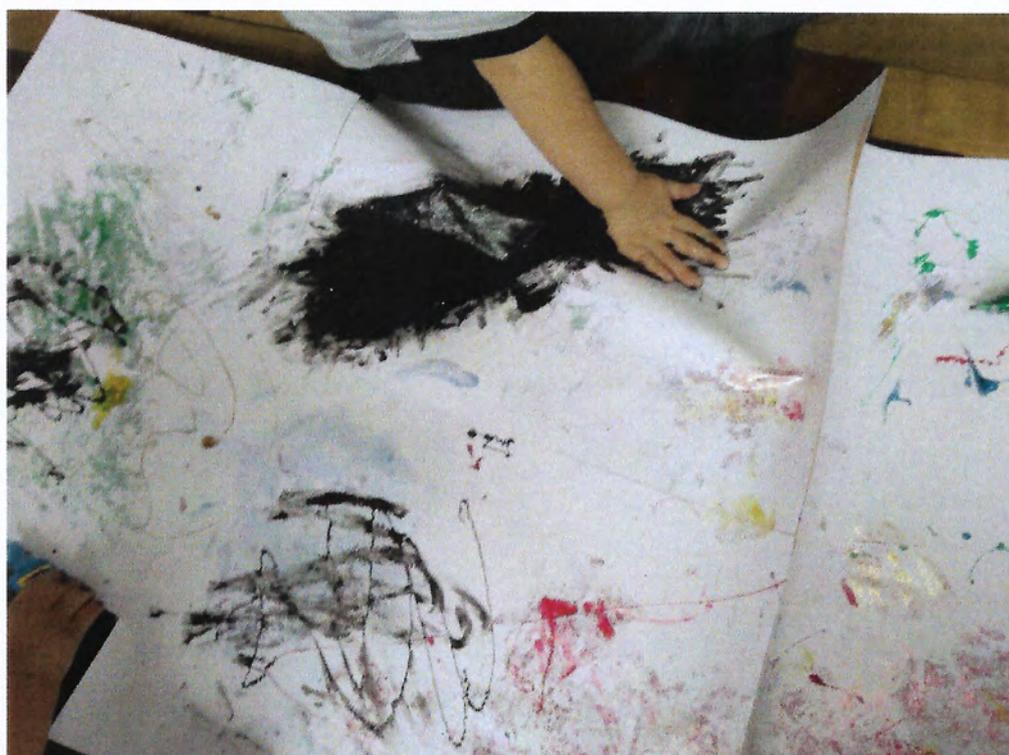




Image m 28: Arte e Ciência: Descobrimos as cores. Fonte: Arquivos da pesquisadora.





Imagem 29: Desenho Coletivo sobre papel colorido.

Fonte: Arquivos da Pesquisadora.





Imagem 30: Desenho Coletivo sobre papel branco. Fonte: Arquivos da pesquisadora.



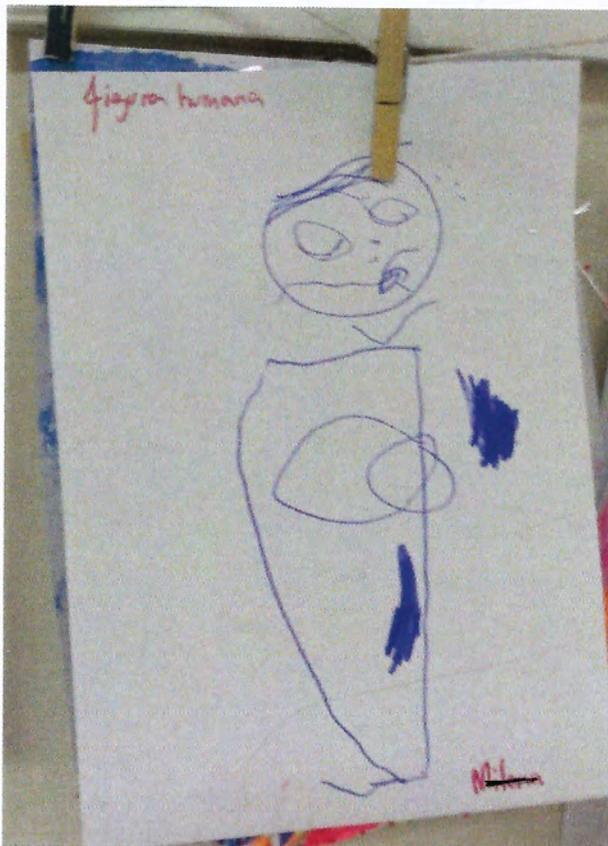
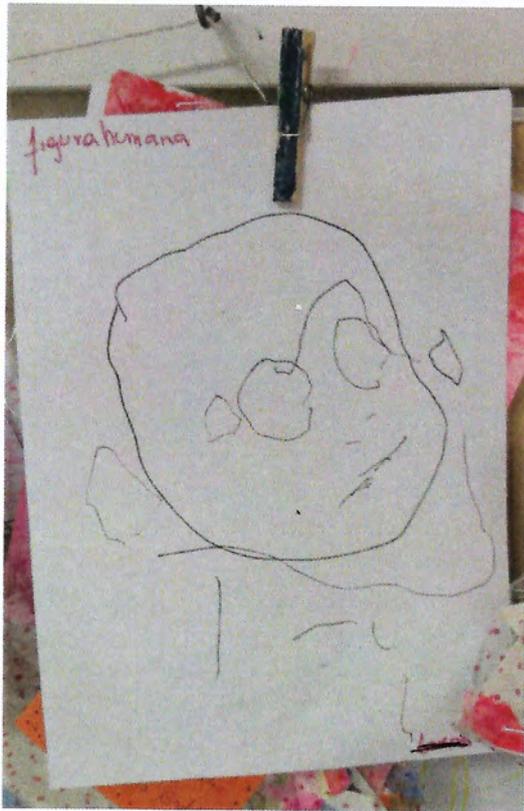


Imagem 31: Desenhos guiados
"O que compõe uma pessoa?"

Fonte: Arquivos da pesquisadora.



Imagem 32: Experimentação com argila.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.



I MOMENTO POR SEMANA

Momento fantasia: Caixas com tecidos, peças de roupa e acessórios disponíveis para as crianças se fantasiarem e criando suas próprias narrativas e personagens.

Nas primeiras propostas, participei mais, oferecendo as fantasia e propondo encenações das histórias que liamos no momento leitura, como a chapeuzinho vermelho e os tres porquinhos, montamos capas vermelhas, orelhas e garras de lobo, entre outros.

Mais acostumados com os tecidos e acessórios, as crianças passaram a escolher e montar suas próprias fantasias, inventando novos personagens ou ainda, vestiam acessórios como a touca da Rute, cozinheira da escola. Além de inventarem narrativas ficcionais

Imagem 33: A palhaça



Imagem 34: A senhora.
Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Imagem 35: Rute, A cozinheira



Imagem 36: O sol
Fonte: Arquivos da pesquisadora.



Imagem 37: Criaturas
da floresta. Festa
do Saci.

Fonte: Arquivos da
Pesquisadora.





Imagem 38: O andar
do fantasma

Fonte: Arquivos da pesquisa
pesquisadora



Imagem 39: Piscina de bolinhas

Fonte: Arquivos da Pesquisadora.



Brincar de massinha: Ambiente montado de piquenique ou cozinha, no qual “faz de conta” que a massinha é comida.

Os momentos com massinha foram muito requisitados, a massa de modelar industrializada é um dos materiais preferidos do grupo. As crianças pediam para brincar quase diariamente. Utilizamos tanto a massinha soft, a plástica ou a massa de eva.

Nos primeiros contatos com o material, as crianças experimentaram apertando, misturando as cores. Não havia uma tentativa de significar as criações.

Depois de alguns momentos com o material, passaram a significar suas criações. Surgiram bolos de aniversário com velas, pizzas, legumes, frutas, um cardápio variado. Atualmente, modelam também formas, animais, criando narrativas durante a brincadeira, contando histórias.

Imagem 40: A tartaruga



Imagem 41: O colar



Imagem 42: O bolo.



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Fantoches: Teatro de bonecos a partir de fantoches de dedo, bonecos de plástico ou de pano.

Inicialmente os momentos com fantoches faziam parte das contações de história, ao invés de usar os livros, as contrações eram mais livres e interativas

Já mais adaptados aos fantoches, as crianças passaram a contar sozinhas as histórias a partir dos fantoches. Narrando as histórias dos livros ou inventando novas histórias para os personagens.



Imagem 43: Personagens de Peter Pan encenando Polegarés. Fonte: Arquivos da Pesquisadora





Imagem 44: Cada um é um lobo

Fonte: Arquivos da pesquisadora



MOMENTOS INDIVIDUAIS

Ações que ocorrerão com planejamento mais elaborado do que os momentos mencionados anteriormente.

Habitáculo Objeto coletivo produzido pelos educadores da escola. Consiste em um cubo de canos pvc, no qual são feitas intervenções esporadicamente. O Habitáculo é experienciado ora no pátio, ora nos corredores da escola. Com diferentes materiais e proposições.

As interações com o objeto ocorreram em diferentes momentos da rotina.



Imagem 45: Descobrimo o habitáculo

Fonte: Arquivos da pesquisadora



Proposições com materiais não estruturados: Propostas realizadas a partir da experimentação de materiais como pedaços de tecido, sementes, folhas, galhos, palitos, latas, potes, entre outros.

No CID temos o que chamamos de *Elementoteca*. Espaço de armazenamento desses materiais, como caixas contendo almofadas coloridas, materiais de cozinha, potes de vidro com aviamentos, botões, e outras miudezas que possam ser interessantes.

Os materiais foram utilizados nas ações de diversas formas. As crianças experimentaram, descobriram e significaram os elementos.

Imagem 46: O sol, a casa e a árvore .



Imagem 47: O sino



Fonte: Arquivos da pesquisadora

Instalação na garagem: Instalação feita com telas de acetato (material de tela de televisão reutilizado) . Construção de nichos, túneis, esconderijos e pedaços soltos para experimentação visual.

A ação aconteceu em conjunto com a turma de Nivel II. As crianças puderam interagir no espaço da garagem modificado com os materiais. Brincaram de esconde-esconde, se divertiram com as distorções de imagem que as telas possibilitaram.



Imagem 48: O que tem dentro da TV?: Instalação
Fonte: Arquivos da pesquisadora



Construção de casas de papelão de brinquedo: A proposta surgiu de uma doação de brinquedos que recebemos. A turma ganhou diversos bonecos e animais de plástico personagens de filmes, brinquedos Mc Donald's.

Propus que montássemos casas para os novos brinquedos, inventando um pequeno bairro, ou cidade.

Construímos e colorimos as casas com papelão.

Mas os personagens e bonecos de plástico não fizeram parte da brincadeira.

Imagem 49: Construindo brinquedos



Imagem 50: tamanhos

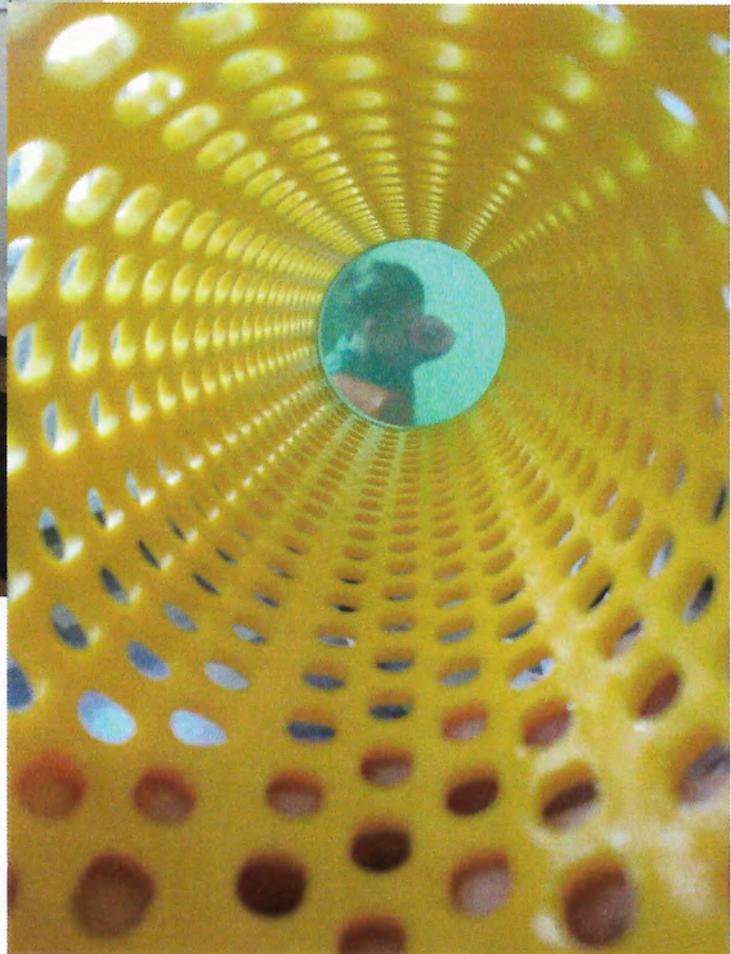
Fonte: Arquivos da Pesquisadora.

Lunetas coloridas: Reutilização de carretéis e celofanes coloridos para a elaboração de lunetas.

Os carretéis se transformaram em pinos de boliche, tijolos de castelo, armaduras e lunetas. As crianças observaram o mundo de diferentes cores.

Imagem 51: Armadilhas e lunetas.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.



Bacias de exploração, Criando mini-mundos:

A primeira ação foi de exploração de espuma colorida (feita com sabonete neutro e gelatina para a coloração) e terra comestível (feita com farinha água e cacau). A bacia de espuma, dispunha de miniaturas de animais marinhos, sereias e barcos, já a bacia de terra, dispunha de miniaturas de dinossauros, girafas, porcos, entre outros. As crianças transbordaram das bacias, passaram terra no corpo e tomaram banho de espuma, divertiram-se enterrando e encontrando os bonecos nas bacias.



Imagem 52: Banho de espuma



Fonte: Arquivos da pesquisadora.



Imagem 53: Sujar pra limpar.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.







O QUE ENCONTREI

A rotina e o cotidiano,
ofuscados pelo currículo tradicional,
aqui, ascendem e reluzem

Onde se pensa que nada se passa
Tudo acontece.

Partindo dos autores Paulo Fochi e Rodrigo de Carvalho percebemos o cotidiano como espaço/tempo de aprendizagem. Afirmam que “nas situações ordinárias da vida, no cotidiano, ocorrem aprendizagens que servem de vias de acesso para a compreensão dos funcionamentos sociais que são construídos e que constroem a relação das crianças com o mundo.” (CARVALHO, FOCHI, 2017 p15)

As crianças são inteiras e se transformam constantemente. São capazes e têm voz. São curiosas e desbravam o mundo com coragem, descobrindo aos poucos, e também aos muitos, constroem autonomia e reconhecem suas capacidades.

A aprendizagem assim, acontece nos detalhes, e é percebida diariamente. Com olhar atento e ouvidos apurados, busquei registrar alguns momentos de rotina, em que tudo se passa. Pequenos instantes, diálogos, brincadeiras, ações que demonstram evolução e crescimento das crianças.

Com a ponta dos pés caminha para trás a passos de formiga,

Para. Ainda na ponta dos pés, sorri.

Levanta os pés e com um impulso
está no ar.



“ Olha,

Sozinha”

Ana, 2 anos

Atenta,

Ouve o som do vento,
que faz voar o cabelo

Com um sopro

Da pra atravessar o
escorregador,

do topo

Até a caixa de areia



“Óia,
Uma pedinha”

“sumiu”

Sara, 2 anos



Laranja

Entre o amarelo
e o vermelho

a cor
que é fruta,

Parece fogo,

ou só faísca,

faísca de Sol

Olhos curiosos
Mãos atentas

“Tô vendo tudo colorido”



“Oi”

Morena, 3 anos, Vitor, 2 anos



Orgulhosa,

Bate os dois pés no chão
e anuncia

“ To de pé decalço”

Segue sapateando

Como numa dança

Surge um amigo



“pegou meu chinelo”

Ana 2 anos, João 2 anos



“Eu vou cuidar de ti. tá bom?”

“Quer que eu dê um beijinho?”



“Doutora!
minha filha ta
dodói!!”



“Tá tudo bem,
não precisa chorar”

“Agora eu”



“Não quero mais ser bebê”

“Então eu toco e tu canta”



Logo surge uma plateia



“Canta direito, minha filha.”

Morena, 3 anos, Mabel, 3 anos

Em um instante,
surgem duas cadeiras



Mas faz de conta que é uma casa.

Nela, seis olhos se
escondem

e curiosos,
espiam o perigo pelas
frestas



“O lobo tá vindo”



“Há”

Carolina 2 anos, Vitor 2 anos, Morena 3 anos, João 2 anos



“Olha,
fiz a bengalinha do meu vô”

Imediatamente, apoia a mão sobre a bengala e começa a caminhar em círculos.

Duas voltas parecem o suficiente. para ter certeza.
A invenção foi um sucesso .
e assim

é deixada de lado

e é reencontrada

“Vou tocar violão com a bengalinha do vô da Quel”



“Dança, Anitinha”

Mabel, 3 anos, Morgana 3 anos, Ana 2 anos

“ É a minha agenda? Posso esquevê?”



Pede pra sentar na bancada.

Concentrada posiciona a ponta da caneta no papel e percorre uma linha, em zigue-zague

como pequenas montanhas, uma diferente da outra

A caneta falha e a linha vai ficando cada vez mais fina até desaparecer

Para



“Não tá saindo o risco”

“Tá pouco azul”

Insatisfeita,

analisa o objeto e declara:

“Tem que ser uma caneta mais Azuzada.”



Morena, 3 anos

Dia de pátio grande

Antes mesmo de descermos as escadas, Morgana surge saltitante ao meu lado

“Vou andar no balanço pequenininho né Bella?”

Todo dia de pátio é dia de balanço para Morgana.

“Por que não experimenta outro brinquedo hoje? Talvez a caixa de areia, o escorregador, o que acha?” Rebato

“Mas eu gosto do balanço pequenininho” Morgana franze a testa em reprovação.

Chegamos no pátio

O balanço está ocupado.

Morgana contrariada senta no chão e observa

Levanta, saltitando novamente “Achei um brinquedo”



“Esse também balança”

Morgana, 3 anos

Na caixa de brinquedos, João encontra uma escova de cabelo. Procura mais um pouco e encontra também uma coroa, e um pedaço de TNT.

Observo-o posicionar uma cadeira em sua frente. Mabel senta “Me arruma”

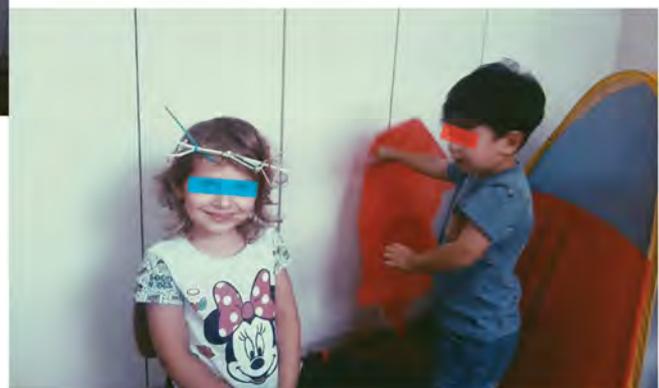
João sorri, animado e prontamente envolve a colega com o TNT, veste-a com a coroa e concentrado, passa a escova lentamente pelos curtos cabelos



Sem dizer uma palavra, gira em torno da cadeira repetindo os movimentos com a escova em diferentes ângulos.

Afasta-se um pouco e com um movimento puxa o pano

“Deu”



João, 2 anos, Mabel 3 anos

A mesa coberta de jornais chama a atenção das crianças.

Enquanto Sara observa e analisa os papéis,
Carolina senta ao seu lado e inicia um monólogo



“Qui tá isquito aqui?”

“hmm, aqui, o futebol, o guemio fez um gol”

“Que mais que tem?”

Carolina, com dificuldade, faz um longo movimento e vira a enorme página do jornal



“Um monte de letinhas, não tem histólia”

Olha para o João que observa seus movimentos



“Meu filho, depois a mãe lê pa ti, tá?”

Carolina, 2 anos, João 2 anos, Sara, 2 anos

Vitor me observa enquanto monto barracas pela sala
Com prendedores de roupas, fixo tecidos nas janelas e em ganchos nas paredes.
Cai um prendedor.

Vitor se abaixa, pega o objeto e aperta, abrindo e fechado o prendedor
Aperta mais uma vez e posiciona o polegar entre as hastes de madeira.

“Bella, olha” Abre a mão e mostra sorrindo.
Admirada respondo “Olha, uma garra! Adorei”

“Me ajuda, bota mais” Vitor pede me alcançando vários prendedores.

Coloco um em cada dedo. “Não tá apertado?”
Sorridente, mexe a cabeça em negação



Abre e fecha as mãos, testando movimentos

“Sou um lobo”



“grrrr”



Vitor, 2 anos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante meu período de atuação no Nível I me vi evoluindo e me descobrindo como professora, assim como vi a evolução e o crescimento das crianças. Juntos, aprendemos um pouco a cada dia. As crianças adquiriram mais autonomia e eu segurança.

Percebi também que, somente o registro escrito/teórico acadêmico não contempla a infinidade das experiências e descobertas que aconteceram ao longo das presentes pesquisa e prática. Como artista, penso em diferentes formas de registro, que enfatizem as visualidades e as narrativas. Proponho aos leitores um novo olhar para a pesquisa em ensino de arte, sobretudo, para a pesquisa em ensino de artes na educação Infantil.

Além disso, a contribuição deste Diário está para além de instigar a forma de pensar e compor uma pesquisa. Apresenta também, maneiras possíveis de planejar, registrar e avaliar a prática docente.

O contato com as crianças foi permeado pelo afeto e pelas descobertas. Como arte-educadora, me propus um olhar demorado para o ensino de artes e a prática na educação infantil. Assim, pude perceber as evoluções e mudanças das crianças nas miudezas cotidianas.

REFERÊNCIAS:

BONDÍA, Jorge L. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência." **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro/RJ, nº.19, jan/fev/mar/abr 2002, pgs.20-28.

BRASIL. Lei Nº 13.146/2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília/DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10/9/2019.

BRASIL. Lei Nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília/DF, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11/9/2019.

BRASIL.**Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília:MEC/Secretaria de educação básica,2017

CARVALHO,Rodrigo S de e FOCHI, Paulo S "Apresentação: A pedagogia do cotidiano (e da) educação infantil".IN CARVALHO,Rodrigo S de e FOCHI, Paulo S. (Org.) **A pedagogia do cotidiano (e da) educação infantil**. Editora:Inep/MEC:Brasília/DF,2017

CECCIN. Ricardo Burg e PALOMBINI, Analice: **Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado**. In MAIA, Marisa Schargel:Por uma estética do cuidado, 2009

DEWEY, John. **A escola e a sociedade e a criança e o currículo**. Tradução Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá. Lisboa: Relógio D'água, 2002

DIAS, Belidson "A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes:Uma introdução" . IN: DIAS,Belidson e IRWIN, Rita L. (Org.) **Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia**.Editora Ufsm:Santa Maria/RS,2013

HOLM, Anna M. **Eco Arte com Crianças**. Rio de Janeiro/RJ: Atelie Carambola, 2017.

KORCZAK, Jausz. **Quando Eu Voltar a Ser Criança**. São Paulo/SP: Círculo do Livro S.A., 1987.

MAHONEY, Abigail A. e ALMEIDA, Laurinda R. "Afetividade e Processo de Ensino-Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon." **Psicologia da Educação**. São Paulo/SP, n. 20, pgs. 11-30, jun. 2005.

MALAGUZZI, Loris. "História Ideias e Filosofia Básica." IN:EDWARDS, Carolyn, FORMAN, Jorge e GANDINI, Lella. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação na Primeira Infância**. vol 1. Porto Alegre: Penso 2016. pgs 57-98.

ZABALZA, Miguel A. "Os Dez Aspectos-Chave de uma Educação Infantil de Qualidade." IN:**Qualidade em Educação Infantil**.Porto Alegre:ArtMed,1998.

